

Centralidade, transversalidade e resiliência: reflexões sobre as três condições da contemporaneidade digital e a epistemologia da Comunicação¹

Centrality, transversality and resiliency: thoughts on three digital contemporary conditions and Communication epistemology

Elizabeth Saad Corrêa²

Resumo: A contemporaneidade digital implica em significativas transformações para o campo da Comunicação e, portanto, na reconfiguração de seu construto epistemológico. Propomos e discutimos três condições para esta adequação: centralidade, transversalidade e resiliência. São apresentados a partir destas condições alguns pontos de reflexão que impactam positiva ou negativamente nesta proposta de reconfiguração: obstáculos metodológicos, intencionalidades, onipresença da mídia como objeto e reconfiguração dos currículos formadores.

Palavras-chave: Contemporaneidade digital. Epistemologia. Transversalidade. Resiliência. Centralidade.

Abstract: The digital contemporary scenario brings strong transformations to the Communication field and, consequently to its epistemological foundations. We propose and discuss three conditions to this reconfiguration: centrality, transversally and resiliency. Form these conditions we present some points for reflections: methodological obstacles, intentionality, media omnipresence as a research object and curricula reconfiguration.

Keywords: Digital contemporaneity. Epistemology. Transversally. Resilience. Centrality.

Introdução

Uma das características da pesquisa em Ciências da Comunicação, envolvendo temas rotulados como “novas mídias”, “Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação”, “comunicação digital”, “mídias digitais”, “cibercultura”, “mídias sociais”, dentre as muitas terminologias em uso, tem sido o enfrentamento da extrema mutabilidade dos objetos de

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Ibercom Epistemologia, Teoria e Metodologia da Comunicação no XIV Congresso Internacional IBERCOM, na Universidade de São Paulo, de 29 de março a 02 de abril de 2015.

² Professora Titular da ECA-USP – Programa de Ciências da Comunicação . e-mail: bethsaad@usp.br

pesquisa e, especialmente, o respectivo enquadramento no cenário teórico-metodológico tradicional e consolidado do campo.

Em 2008, no auge do processo de integração e consolidação das tecnologias digitais na sociabilidade contemporânea, discutimos este mesmo tema em trabalho focado na compreensão de uma epistemologia para a comunicação digital³. À época tínhamos preocupações em torno da diversidade e mutabilidade dos objetos, da necessidade de ampliação das fronteiras do campo autoral-teórico e da quase obrigatoriedade de monitoramento antecipatório das práticas para a construção posterior do processo de pesquisa.

Também à época nos baseamos em propostas de pesquisadores como José Luíz Braga (2007) que apresenta o campo da Comunicação como uma ciência indiciária, o que sustentaria pesquisas com propostas teórico-metodológicas mais adequadas à mutabilidade e diversidade dos objetos da digitalização; e de Muniz Sodré (2006) que já propunha uma revisão interpretativa do campo da Comunicação em função da própria mutação global da sociedade.

Tomando por referência o ano de 2015, temos já passados em torno de vinte anos de vivência sócio-cultural-econômica-institucional do digital na contemporaneidade, é evidente para o campo acadêmico a ampliação das possibilidades e modos de pesquisa sobre o tema. Assim, partimos dos seguintes *pressupostos* que embasam a nossa reflexão: não podemos mais distinguir na Comunicação um espaço específico para o estudo do digital; o enraizamento das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação percorre de forma transversal todas as atividades comunicativas e informativas do mundo contemporâneo (inclusive aquelas hoje categorizadas como “analógicas” e/ou “*off-line*”); há que se introduzir na discussão epistemológica do campo da Comunicação posturas de resiliência relativas à estruturação das abordagens teórico-metodológicas que sustentam as pesquisas e reflexões em curso. Se há dez anos tínhamos a dificuldade em situar os estudos digitais no campo formal da Comunicação como em nossos apontamentos de 2008, hoje enfrentamos sensações opostas onde nos vemos em meio a uma diversidade de

³ SAAD CORREA, E. Reflexões para uma Epistemologia da Comunicação Digital. Observatorio (OBS*) Journal, 4 (2008), 307-320. Disponível em <http://obs.obercom.pt>

possibilidades teórico-metodológicas que, não raro, nos colocam diante de questionamentos mais profundos sobre o próprio campo. Novamente, recorreremos a Muniz Sodré. Em seu livro mais recente *A Ciência do Comum: notas para o método comunicacional*, o autor avança na discussão, propondo olhar o campo da Comunicação como uma ciência pós-disciplinar, localizada no centro dos processos organizativos da sociedade:

“[...] É esse ‘certo ponto’ que nos parece sobrevir agora ao campo comunicacional, no qual os signos, os discursos, os instrumentos e os dispositivos técnicos são os pressupostos do processo de formação de uma nova forma de socializar, de um novo ecossistema existencial em que a comunicação equivale a um modo geral de organização. [...] No necessário rearranjo de pessoas e coisas, a comunicação revela-se como principal forma organizativa.” (SODRÉ: 2014, 14)

A partir dos pressupostos que apontamos anteriormente e da concordância com Muniz Sodré acerca da centralidade da Comunicação que ora vivenciamos, propomos algumas reflexões acerca de uma epistemologia para a Comunicação que leve em conta as seguintes *condições da contemporaneidade digital*: Centralidade, Transversalidade e Resiliência.

A *problemática* que emerge de nossas reflexões retoma a discussão proposta em 2008, agora em visão reversa: seria necessário buscarmos uma epistemologia para a comunicação digital, ou mais sensato reconfigurarmos o entendimento epistemológico da Comunicação como um todo a partir das variáveis e contextos decorrentes do enraizamento da digitalização no tecido social?

Sobre a centralidade da comunicação: entre racionalidades e reconfigurações

É possível afirmar, ainda que empiricamente, que com advento das tecnologias digitais e sua respectiva aplicação técnica aos dispositivos de expressividade comunicativa (especialmente as mídias clássicas – TV, rádio, meios impressos e audiovisuais), os estudos do campo da Comunicação adentram num período de reconfigurações e transformações de conceitos, estabelecimento de outras correlações e evidenciamento das diferenças. Marcadamente, a partir da instalação da World Wide Web (a rede mundial de computadores comercial, de interface gráfica tal como a conhecemos hoje) nos primórdios dos anos 1990 e as contínuas (re)evoluções desde então, assistimos a uma gradativa dissolução de fronteiras entre o conjunto de paradigmas-teorias-modelos-metodologias

vinculados à delimitação da Comunicação como campo de estudo da transmissão de mensagens por meio de dispositivos de mídia; e a busca de referenciais e correlações em outros campos científicos das próprias Ciências Sociais - a exemplo da Sociologia, da Antropologia, ampliando para a Psicologia, a Economia, as Ciência da Informação, o Design e a Arquitetura e dialogando com a Geografia, a Cibernética, a Matemática e até mesmo as Engenharias.

Tais transformações vem sendo apontadas por pesquisadores mundo afora, em sua maioria girando em torno do papel central que a Comunicação veio assumindo nas relações sociais e nas atividades organizativas e financeiras, principalmente na medida em que as plataformas digitais configuram-se no chamado “modo 2.0”, possibilitando a participação ativa, dialogia e expressividade dos usuários em rede, quebrando com a lógica linear clássica do processo comunicativo (emissor-mensagem-receptor). Falamos aqui de autores como Eugenia Barrichelo (2003), Manuel Castells (2006; 2007), Bernard Miège (2009), Dana Klisanin (2012), Luís C. Martino (2013), Serge Prolux (2013), Muniz Sodré (2014), Frank Webster (2014), M. Crang (2015), Rasmus Helles et all (2015), dentre muitos.

Alguns autores abordam as transformações pela perspectiva da mídia, seu papel no sistema comunicativo e o poder de formação de opinião no mundo 2.0:

“Comunicação e informação tem sido fontes fundamentais de poder e contra-poder, de dominação e mudança social ao longo da historia. Isto se deve porque a batalha fundamental que ocorre na sociedade é a batalha sobre as mentes das pessoas. A forma como as pessoas pensam determina o destino das normas e valores sobre os quais a sociedade se baseia.”(CASTELLS: 2007, 3)⁴

Um outro conjunto de autores vai mais fundo, posicionando a centralidade da Comunicação na era das tecnologias digitais em função da ampliação de seu espectro para a relação comunicação-informação e respectivas outras materialidades. Representam este conjunto temático as idéias de Miège (2009) sobre a dupla mediação – técnica e social, que o campo da Comunicação absorve com o enraizamento das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação no tecido social; e aquelas de Muniz Sodré (2014) que

⁴ Tradução da autora de: Throughout history communication and information have been fundamental sources of power and counter-power, of domination and social change. This is because the fundamental battle being fought in society is the battle over the minds of the people. The way people think determines the fate of norms and values on which societies are constructed.

relaciona este enraizamento das tecnologias digitais a uma espécie de revitalização de conceitos fundantes do campo comunicativo a exemplo de comunidade como a noção de “um ser-com num aí específico”; da indústria cultural agora identificada como indústria do conteúdo; a vida pública convertida na vida em público; a interação sempre vinculada à massa anônima e heterogênea que passa a caracterizar-se como interatividade com a apropriação das tecnologias.

Em coerência às proposições de Miège e Sodré, a centralidade   analisada por Mauro Wilton de Sousa como:

As práticas de comunica o na contemporaneidade têm evidenciado essa dimensão de publiciza o, que possibilita novas e crescentes formas de expressão de pensamentos e posturas valorativas, informa es interpretativas, práticas e a es não apenas individuais como têm também coletivas, além da mobiliza o ativa diante de fatos e circunstâncias sociais, políticas e econ micas, das mais diversas, para, além de apenas urbanos, existentes em um cenário dinâmico que justifica afirma es sobre a centralidade da comunica o como media o estruturante do tecido social. {...} As formas de publiciza o se redefinem e se colocam como mediadoras da razão que justifica o tornar público, o que o objetiva, como apontado por Qu r , quanto   inten o do compartilhar, do interferir, do deliberar, do tornar disponível. As redes sociais, os dispositivos técnicos que as possibilitam como espaço a um só tempo de produ o, circula o e consumo, exemplificam como formas e formatos colocam-se hoje facilitadores e estimuladores de um expor-se, de um conectar-se, não só diante de pessoas, mas de pensamentos, a es e compromissos que justificam essa mesma conexão. (SOUSA: 2013, 110)

Indicamos até este ponto apenas breves visões autorais sobre a condi o de crescente centralidade da Comunica o vinculada ao enraizamento também crescente das Tecnologias Digitais de Informa o e Comunica o no tecido socioecon mico contemporâneo. Apontamentos que direcionam a sustenta o da proposta de centralidade para aprofundamentos para além do presente texto.

  possível depreender, por ora, que a condi o de centralidade traz para as discussões epistemológicas e o desenvolvimento das pesquisas em Comunica o uma dualidade de vantagens-desvantagens a considerar: a complexifica o dos estudos de Comunica o na medida do estreitamento de sua rela o com as Tecnologias Digitais de Informa o e Comunica o (e respectivo processo de inova o); uma fluidez teórica e autoral associada   própria fluidez e muta o dos processos midiáticos, dispositivos e plataformas; a necessidade de convivência/aceita o com a reinterpret o e um novo entendimento de

conceitos pétreos, a exemplo de públicos, mediação, mídia, legitimidade, entre outros; a necessidade de convivência/aceitação com a introdução de um “interferente” conjunto de conceitos ainda em estado de configuração no campo, a exemplo de interatividade, mídiatização, virtualidade, temporalidade-espacialidade, mobilidade, curadoria, mensuração, participação e colaboração, conteúdo, entre outros; a ampliação do rigor metodológico decorrente da própria centralidade com relação a outros campos científicos, num cenário de extrema diversidade de modelos, metodologias e técnicas de pesquisa.

Sobre as transversalidades necessárias à Comunicação contemporânea

Se ao discutirmos centralidade ficou evidente o caráter mais amplo dos modos de refletir, pesquisar e praticar a comunicação na sociedade, parece recorrente trazeremos para o debate a transversalidade temática que a digitalização traz para o campo comunicativo.

A definição dicionarizada (Houaiss, 2001) do termo remete à qualidade de cruzar diagonalmente um espaço, de atravessar, de perpassar. Ao inserimos o conceito de transversalidade para a construção de saberes e a pesquisa científica encontramos proposições de pensadores do porte de Deleuze & Guattari, que relacionam a transversalidade a uma abordagem não disciplinar e não hierarquizada a diferentes campos de saber, e no caso específico deste autores exemplificando na Educação.

Guattari define a transversalidade como meio de escapar, primeiramente, às duas linhas instituídas de segmentação da vida: a verticalidade hierárquica dos organogramas piramidais das instituições e dos estabelecimentos, que fazem parte, no caso que aqui tratamos, da educação; e, em segundo lugar, a horizontalidade massificante que estabelece agrupamentos homogêneos de indivíduos e saberes, baseados em características comuns, como alunos problemáticos, professores de ciclo básico, disciplinas duras ou humanas. (cf. GUATTARI, 2004, p.110) A transversalidade, então, é uma linha de força multiplicatória, que não passará nunca pelos nomes, lugares, espaços, organizações, disciplinas e modos de pensar instituídos. O grande parceiro de escrita de Deleuze fala deste conceito no contexto da análise grupal e institucional, mas aqui estamos deliberadamente deslocando-o para a discussão educacional. (YONEZAWA: 2013,4)

O foco da transversalidade que delimitamos neste texto refere-se à capilaridade das tecnologias digitais atuando simultaneamente nos processos que operam as atividades comunicativas, nos sistemas que integram processos anteriormente fragmentados, nos

dispositivos cada vez mais convergentes devido às *affordances*⁵ que incorporam funções de mobilidade e geolocalização, interatividade aos suportes comunicativos clássicos, e nos próprios produtos midiáticos.

Deleuze & Guattari (1997) colocam a transversalidade como um meio de escapar às visões verticalizadas e hierarquizadas de organização dos saberes; e/ou às visões horizontalizadas de massificação e grupamento genérico dos atores e agentes da cena de produção de saberes. Assim, podemos dizer que no atual cenário epistemológico do campo da Comunicação a questão digital em seus diferentes aspectos pode assumir um caráter transversal de forma a perpassar os dois sentidos classicamente estruturados: horizontalmente a todos os sub-campos e/ou especialidades e verticalmente em cada processo, suporte e práxis. A visão transversal pode levar a horizontalidade a uma perspectiva de amplitude temática e a verticalidade a uma perspectiva de profundidade em cada tema.

Numa conceituação generalista, portanto podemos entender transversalidade como:

O atravessamento mutuo dos campos de saberes, que a partir de suas peculiaridades se interpenetram, se misturam, se mestiça, sem no entanto perder sua característica própria, que só se amplia em meio a essa multiplicidade. Singularidade de saberes e multiplicidade de campos. Uma vez mais aqui falamos de uma “ecologia do conceito”, introduzindo a noção de multiterritorialidade e atravessamento de campos que leva a uma mestiçagem. (GALLO: 2007, 33)

O cenário de transversalidade no bojo da digitalização é caracterizado por Helles et all como de produção e distribuição pervasiva da mídia, repercutindo diretamente na epistemologia e nas atividades de pesquisa:

Uma dificuldade específica na pesquisa sobre as mudanças no ambiente midiático tem sido a conceituação e a operacionalização das múltiplas plataformas nas quais a mídia ocorre. [...] A digitalização pervasiva das plataformas midiáticas e da infraestrutura de comunicação fez surgir novos formatos midiáticos, sites de redes sociais e blogs. Tal diversidade leva a um cruzamento entre um conjunto de plataformas e um processo histórico aberto. (HELLES et all: 2015:300)⁶

⁵ No contexto das TIC's *affordance* pode ser entendida como a relação mutua entre as ações de um ator e as capacidades tecnológicas disponíveis e potenciais para a realização desta ação. O proveniente da Psicologia Social e fortemente utilizado no Design e nos processos de arquitetura homem-computador ou dispositivo digital.

⁶ Tradução da autora: One particular difficulty for research on the changing media environment has been the conceptualization and operationalization of the multiple platforms on which media are increasingly being used. [...] The pervasive digitization of media distribution and communication infrastructures has also led to the emergence of entirely new media forms, such as social network sites and blogs, on digital platforms. A variety of media crisscross a range of platforms in an open-ended historical and cultural process.

Considerando as visões apresentadas, propomos alguns pontos de reflexão: o enraizamento das tecnologias digitais já está bastante evidente a ponto de ser discutível a separação de estudos e pesquisas em Comunicação em *on-line* e *off-line*; se o vetor digitalização é transversal a todo o campo da Comunicação (aqui levando em conta as lógicas da multiterritorialidade e da mestiçagem) há que se repensar a estrutura vigente das especialidades e das próprias denominações profissionais; a reconfiguração das noções de tempo/velocidade e espaço/local decorrentes das tecnologias digitais favorece a lógica da transversalidade na construção epistemológica na contemporaneidade; conseqüentemente, o rigor na escolha de teorias, modelos e metodologias tem sua complexidade ampliada por conta da profusão de conceitos e respectivas aplicações. No quesito a lista é significativa, mas indicamos exemplos como comunicação/informação/conteúdo, mediação/midiatização, rede/mídia sociais, ecologia/ecossistema comunicativo, público/audiência/usuário, entre outros.

O que propomos refletir é sobre uma visão mais ampla e de longo prazo de revisão epistemológica para o campo como um todo. É tomar em perspectiva em que em algum ponto adiante do desenvolvimento de estudos e pesquisas ainda teremos que reconsiderar dissenções que hoje persistem como Jornalismo e Jornalismo Digital, Relações Públicas e Relações Públicas 2.0, Publicidade e Publicidade Interativa. Transversalidade pode ser um caminho de convergência.

Sobre a condição de resiliência: adaptação mantendo a essência

Se tomamos como real a centralidade da Comunicação no tecido social, e que tal condição tem como vetor transversal a presença do digital em todos os processos, produtos e práxis do campo, é preciso buscar uma condição de adaptabilidade de toda estrutura epistemológica que sustenta paradigmas, teorias, modelos e metodologias a este cenário caracterizado como fluido em seus saberes e mutante em suas bases técnicas.

A noção de resiliência parece-nos viável para abrigar esta espécie de “convulsão” que experienciamos. Novamente, recorreremos ao empréstimo de um conceito oriundo das ciências duras, onde de forma simplista resiliência pode ser entendida como o poder de

elasticidade de um objeto, e buscamos suas diferentes utilizações nos campos das organizações, da psicologia e da ecologia para esta proposição.

Entendemos aqui por resiliência a capacidade de um sistema ou uma organização se antecipar e se adaptar a rupturas, eventos, lidar com as mudanças e reconstruir seus valores e estruturas a partir destes movimentos. Numa visada objetiva e sem qualquer caráter de crítica, assistimos hoje a um processo de busca de diferentes vertentes teóricas, multiplicidade de autores e propostas metodológicas para a sustentação epistemológica de estudos e pesquisas que envolvam a questão digital na Comunicação, seja ela vista como um elemento transversal nos processos ou nos produtos, seja como elemento central de discussão.

A professora e pesquisadora Lucrécia D’Alessio Ferrara faz uma interessante reflexão sobre este momento transitivo a partir das propostas da sociedade do espetáculo de Guy Debord associadas àquelas de Giorgio Agamben e suas idéias sobre os dispositivos contemporâneos, resultando:

Inaugura-se um capítulo teórico da comunicação que a coloca em outra dimensão política ao superar a promoção da inércia, para aderir a um fazer comunicativo onde interagem epistemologia e metodologia, tendo em vista não o efeito como conseqüência de um estímulo espetacular, mas a ação que vai ao encontro funções que a comunicação pode desempenhar enquanto força social. Através do estudo dos conceitos de Debord e de Agamben e, sobretudo, dos métodos que deles decorrem como ação inusitada, impõe-se considerar uma dimensão política que a epistemologia da comunicação não pode ignorar, se quiser ter uma atuação social contemporânea. (D’ALESSIO FERRARA: 2011, online)

A dimensão político-social apresentada por Ferrara se faz visível na práxis ao tomarmos por objeto os movimentos sociais que a partir de 2011, mundo afora e Brasil incluso, que utilizaram-se da rede digital como forma organizativa e comunicativa. Análises acadêmicas sobre tais eventos tem buscado embasamentos muito além dos paradigmas e teorias clássicos da Comunicação para dar conta conceitual dos fenômenos.

Assim, ao sugerirmos uma postura resiliente para o construto epistemológico da Comunicação a estamos considerando como algo benéfico e aderente ao caráter do próprio campo. A possibilidade de incorporar uma sucessão de teorias/modelos/metodologias, algumas vezes a partir de referenciais de campos correlatos à Comunicação e que se

instalam como inerentes ao mundo digital, mantem a centralidade da Comunicação conforme já discutimos, e ao mesmo tempo, facilita a inserção de outros saberes de forma a apoiar a condição de transversalidade. A postura resiliente agrega a diversidade necessária ao momento sem, entretanto, alterar a essência do papel da Comunicação na construção dos saberes e de sua posição cada vez mais central no tecido social contemporâneo. Se a condição de centralidade é decorrente de uma constatação das práticas sociais digitalizadas e a transversalidade resumiria um conjunto de mudanças estruturais no modo de entender e transmitir saberes no campo comunicativo, a postura de resiliência requer um envolvimento comportamental e intelectual por parte de quem discute a epistemologia do campo.

Aqui, recorreremos a Edgar Morin, pois, a conciliação das três condições da contemporaneidade digital no construto epistemológico da Comunicação desemboca num cenário de complexidade: “O que o pensamento complexo pode fazer é dar, a cada um, um memento, um lembrete, avisando: Não esqueça que a realidade é mutante, não esqueça que o novo pode surgir e, de todo modo, vai surgir” (MORIN: 2006, 83). Temos claro que tal conciliação não é simples, e muito menos um processo sem fissuras e conflitos. É tipo de um ambiente em continua mutação. Novamente, nos apoiamos na visão de Morin: A complexidade sob a perspectiva desse autor revela-se no embate permanente das probabilidades e improbabilidades, das possibilidades e das impossibilidades, dos acertos e dos equívocos, movimentos pendulares que impõem desafios”. (MORIN, apud CURVELO & SCROFERNEKER: 2008, 7/16)

Alguns pontos para futuras reflexões

As ideias aqui apresentadas partem, essencialmente, da experiência empírica em desenvolver pesquisa acadêmica⁷ em Comunicação sob o diapasão da sociedade digitalizada. Na medida em que a centralidade do digital foi se consolidando no espaço da Comunicação e as propostas de transversalidade intra e inter saberes foram se ampliando como base para o desenvolvimento de pesquisa, tornou-se vital retomarmos a questão epistemológica. Propusemos três condições fundantes que ocorrem com a digitalização –

⁷ Tais atividades tem sido desenvolvidas ao longo dos últimos 15 anos junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP e ao Grupo de Pesquisa COM+

centralidade, transversalidade e resiliência, para contribuir às discussões mais amplas em curso.

A professora e pesquisadora Maria Immacolata Vassallo de Lopes apresentou já em 2004 texto fundante em que aponta a centralidade e a complexidade dos estudos no campo da Comunicação a partir da ampliação de estudos que tomam a globalização por objeto. Ao mesmo tempo, a professora indica os principais *obstáculos metodológicos* à pesquisa em Comunicação (LOPES: 2004, 25): ausência de reflexão epistemológica, fraqueza teórica devido ao insuficiente domínio de teorias, falta de visão metodológica integrada, dificuldade na consecução e uma estratégia multimetodológica, excesso de pesquisas descritivas e dicotomia entre pesquisa quantitativa e qualitativa.

Tais observações nos remetem ao cenário que ora encontramos quando avaliamos as bases epistemológicas e metodológicas das recentes pesquisas que envolvem a digitalização. Iniciado com um levantamento piloto⁸ realizado em 2013 pelo grupo de pesquisa COM+ e prosseguindo a partir de diferentes observações empíricas, constatamos alguns pontos que merecem reflexão e vem ao encontro das indicações de Lopes: uma crescente complexificação do enquadramento teórico dos estudos e pesquisas. Seja buscando fundamentações de campos correlatos, seja pela “adaptação” a partir dos paradigmas e teorias tradicionalmente consolidados na Comunicação; tal complexificação reacende a discussão ainda em curso sobre a necessidade ou não da diferenciação entre campo e disciplina, uso de paradigmas, discernimento entre teorias e modelos, além de um sem-fim de técnicas de abordagem aos objetos construídas para sustentar cada novidade que emerge dentre os objetos comunicacionais; exemplificando, encontramos um conjunto significativo de teorias⁹ que poderiam ser classificadas como “novas”- *Internet Studies*, *New Media Studies*, Ecologia da Mídia, Design Social, Teoria Ator-Rede, Paradigma da Complexidade, Teoria dos Sistemas Sociais, Pós-Humanismo, dentre outras; na mesma linha, encontramos um conjunto de metodologias¹⁰ e/ou técnicas de pesquisa utilizadas em (des)combinação às “novas” e também às clássicas teorias do campo da Comunicação:

⁸ Foi realizado ao final de 2013 um levantamento preliminar junto ao banco de teses da USP, área de Ciências Humanas das teses e dissertações na temática digital, com respectivos recortes teórico-metodológicos. Este piloto está atualmente em processo de organização do protocolo mais amplo de coleta de dados nacional.

⁹ Aqui simplesmente listadas a título ilustrativo, sem correlação autoral

¹⁰ Aqui simplesmente listadas a título ilustrativo, sem correlação autoral

Teoria Fundamentada (*Grounded Theory*), Cartografia das Controvérsias, Netnografia, AD/AC (análise do discurso e de conteúdo), Estudo de Caso, dentre outras; e mais um outro conjunto de denominações cujas categorizações ainda trafegam no hibridismo: mídia móvel, mídia locativa, comunicação mutativa, internet das coisas, por exemplo.

Essa ilustração dos problemas metodológicos – e consequentemente epistemológicos apontados por Lopes (2004) referenda o cenário do campo e reforça a proposta da autora e de outros pesquisadores aqui citados de que o momento ora vivenciado pelo campo privilegia a abertura, a dissolução de fronteiras e a experimentação de combinações teorias-metodologias, enfim uma disciplinaridade de protocolos de pesquisa, mas uma não disciplinaridade de paradigmas e teorias.

Um segundo porto de reflexão refere-se às *intencionalidades*, ou seja todo um conjunto contextual de funcionalidades, direcionamentos e condicionamentos inerentes ao que de chama de *back-office* das ambiências digitais e que, algumas vezes conduz intencionalmente o processo comunicativo para os interesses de tal ou qual “proprietário” de uma dada ambiência.

Utilizamos aqui os argumentos de Patrick Vondreau que recorre à expressão *industry proximity* para discutir o aspecto de intencionalidades que está no entorno da comunicação contemporânea:

As indústrias midiáticas se constituem numa zona onde o agenciamento que é permanentemente subvertido, minado, fechado em caixas pretas e distribuído. Assim, a pesquisa nesta área necessita de um alerta em relação ao que Langdon Winner chama de “política dos artefatos”, uma clareza de que tecnologias fazem a mediação da relação entre nós e nosso mundo e, com isso, nossa capacidade em entender “subjetividade” e “objetividade” fica dependente de nossa competência em compreender como tais artefatos amplificam as “formas de contato” que estabelecem relacionamentos interpessoais e com outros ambientes. [...] Para isso, não precisamos reinventar os estudos de mídia”. (VONDREAU: 2014, 70)¹¹

¹¹ Tradução da autora Media industries constitute a zone where agency is permanently subverted, undermined, blackboxed, and distributed. Research on media industries thus necessitates an awareness of the politics of our own data gathering and of what Langdon Winner called the “politics of artifacts,” an acknowledgment that technologies mediate the relation between us and our world so thoroughly that our ability to understand “subjectivity” and “objectivity” comes to depend upon our ability to grasp how these artifacts amplify the “forms of contact” that relate us to one another and our environment.¹³For that, however, we do not need to reinvent media and communication studies.

Assim, ainda que busquemos adequações no construto epistemológico da Comunicação ao panorama da digitalização, o aspecto das intencionalidades requer atenção ao se propor tal ou qual metodologia de abordagem aos objetos. Há que se ponderar, em abordagens a objetos implicados no digital, um equilíbrio entre as variáveis de intencionalidade relativas ao contexto técnico do objeto e as variáveis de autonomia relativas ao bios do comportamento humano em rede. Via de regra, são dois conjuntos conflitantes.

Um terceiro ponto de reflexão está na constatação da *onipresença da mídia* como objetos de estudo na Comunicação, ainda que com o enraizamento da digitalização uma sucessão de novas possibilidades e objetos se abrem à pesquisa. Estamos diante de um ambiente comunicativo de reconfigurações de papéis, no qual a mídia de *per se*, sempre legitimada pelas instituições sociais, tem convívio com outros grupos socialmente legitimados pela própria dinâmica da rede digital, mas que por vezes não são legitimados pela relação institucionalização-objetivação (BARRICHELLO: 2003). Aqui, o que colocamos em reflexão é o próprio papel e presença da mídia nas ambiências digitais enquanto espaço de agregação (ou não) da opinião do público conectado. Estudos recentes e sistemáticos de análise comportamental e de fluxo de conteúdos da plataforma Twitter realizados pelo Labic-UFES¹² indicam na maioria de seus levantamentos que a mídia tradicional surge nas ambiências digitais como fonte de referência e replicação de informação, mas não como elemento ativo nas discussões e narrativas dos público conectados. Portanto, estamos um interessante objeto de estudo, no qual a onipresença da mídia sai de um protagonismo central e legitimado e ressurgue como um dos atores participes das ambiências digitais, onde a respectiva legitimação para a ser o objeto.

Por último, temos ainda a refletir sobre a *constituição dos currículos* formadores no campo da Comunicação neste cenário de digitalização. Se estamos sugerindo a transversalidade como uma das condições necessárias à adequação epistemológica do campo à contemporaneidade digitalizada, parece-nos evidente que uma reestruturação dos currículos ocorra no mesmo sentido. Este tema é amplo e ultrapassa o espaço deste texto, mas é importante o seu registro para futuras discussões e aprofundamentos. Como já apontamos em texto de 2008, as características de mutação e dinamismo das ambiências digitais fazem com que a maioria das inovações em termos comunicativos ocorra na práxis

¹² Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cultura - <http://www.labic.net>

para, posteriormente, serem dissecadas em termos científicos. Estamos diante de um cenário que exige a introdução das diferentes práxis no conteúdo curricular formador da Comunicação. Isso, sem falar na profícua fusão das especialidades já que esta práxis indica produtos e processos comunicativos agregadores e não fragmentados. Temos nos currículos de o predomínio de um conteúdo disciplinar associado à profissionalização, o que resulta na formação, por exemplo, de jornalista, publicitários, relações públicas. Dificilmente encontramos a simples formação de “comunicador”, algo um tanto mais adequado ao que assistimos nas praticas profissionais da sociedade digitalizada.

Referencias

BARRICHELO, Eugenia M. *Campo midiatico, opiniao pública e legitimacao*. Trabalho apresentado no Núcleo de Relações Públicas e Comunicação Organizacional, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

BRAGA, José Luiz. *Comunicação, disciplina indiciária*. Trabalho apresentado junto ao GT de “Epistemologia da Comunicação. Anais do XVI Encontro da Compós. Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, Junho 2007.

CASTELLS, Manuel. A era da intercomunicação. *Le Monde Diplomatique*, 01 de Agosto de 2006. Disponível em <http://diplo.org.br/2006-08,a1379>.

CASTELLS, Manuel. Communication power and counter-power in the network society. *International Journal of Communication* 1 (2007), 238-266

CASTELLS, Manuel. Communication, Power and Counter-power in the Network Society. *International Journal of Communication* 1 (2007), 238-266. Disponível em <http://ijoc.org>.

CRANG, M. (2015) 'The promises and perils of a digital geohumanities.', *Cultural geographies*. Disponível em <http://dro.dur.ac.uk/14266/1/14266.pdf?DDD14+dgg0mac+d700tmt>

CURVELO, João A. S. & SCROFERNEKER, Cleusa. A comunicação e as organizações como sistemas complexos: uma análise a partir das perspectivas de Niklas Luhmann e Edgar Morin. *Revista da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação – E-Compós*. Brasília: v.11, n.3, set/dez 2008.

D’ALESSIO FERRARA. Lucrecia. A comunicação como espetáculo e dispositivo epistemológico. *Signo y pensam.*, Jun 2011, vol.30, no.58, p.40-51. ISSN 0120-4823

GALLO, Silvio. A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade. In: *Filosofia no Ensino médio: temas, problemas e propostas*. Rene Silveira & Roberto Gto (orgs). São Paulo: Loyola, 2007.

HELLES, Rasmus et all. The Media Landscapes of European Audiences. *International Journal of Communication* 9(2015), 299–320. Disponível em <http://ijoc.org>.

KLISANIN, Dana. *Journal of Futures Studies*, September 2012, 17(1): 99-106. Disponível em <http://www.jfs.tku.edu.tw/wp-content/uploads/2013/10/171-E02.pdf>

LOPES, Maria Immacolata V. Pesquisa de comunicação: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo: vol. XXVII, jan-jun 2004.

MARTINO, Luis C. *Perspectives critiques et épistémologie de la communication: le rôle central du débat sur la technologie*, IN Actes du Colloque International “Où [en] est la critique de la communication? 80ème congrès de l’Association francophone pour le savoir (Acfas), Palais des congrès de Montréal, 7 au 11 mai 2012. Disponível em www.gricis.ca

MIÈGE, Bernard. *A sociedade tecida pela comunicação: técnicas de informação e da comunicação entre inovação e enraizamento social*. São Paulo: Paulus, 2009.

MORIN, Edgar. *Introdução do pensamento complexo*. Tradução: Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2006.

PROULX, Serge. Trajetórias de uso das tecnologias de comunicação. *Trab.Ling.Aplic.*, Campinas, 49(2), Jul./Dez. 2010.

SIGNATES, Luís. Epistemologia e comunicabilidade: as crises das ciências, ante a perspectiva da centralidade do conceito de comunicação. *Comum. & Inf.*, v. 15, n. 2, p. 133-148, jul./dez. 2012

SODRÉ, Muinz. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SODRÉ, Muniz. *A Ciência do Comum: notas para o método comunicacional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOUSA, Mauro W. A Comunicação Social como Processo de Publicização: a Perspectiva do Mundo Compartilhado. *Revista Novos Olhares (USP)*, V.3 n.1, p. 109-117, 2013.

VONDREAU, Patrick. Industry Proximity. *Media Industries Journal* 1.1 (2014).

WEBSTER, Frank. *Theories of the Information Society*. London: routledge Pub., 2014 – 4th Edition.

YONEZAWA, Fernando. A Problematização Deleuzeana Do Aprender E Do Pensar Como Transversalidade Para Um Currículo Educacional. *Revista Artíficos*, v. 3, n.5, jun/2013, p.1-21